

A LÓGICA DO CAPITAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA: IMPLICAÇÕES PARA A VIDA INTELLECTUAL ACADÊMICA

THE LOGIC CAPITAL IN BRAZILIAN SCIENTIFIC PRODUCTION: IMPLICATIONS FOR LIFE INTELLECTUAL ACADEMIC

LA LÓGICA DEL CAPITAL EN PRODUCCIÓN CIENTÍFICA BRASILEÑA: IMPLICACIONES PARA LA VIDA INTELLECTUAL ACADÉMICO

Tatiana Pires Escobar*
tatiana.escobar@hotmail.com

Luiza Turnes**
luh_turmes@hotmail.com

Morgana Dreon***
mogdreon@gmail.com

Marilândes Ribeiro de Melo****
marilandesmel@gmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: ESCOBAR, T. P.; TURNES, L.; DREON, M.; MELO, M. R.

A lógica do capital na produção científica brasileira: implicações para a vida

intelectual acadêmica. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 17, n. 35, p. 273-276, maio/ago. 2015.

Resenha: BIANCHETTI, Lucídio; VALLE, Ione R.; PEREIRA, Gilson R. de M. **O fim dos intelectuais acadêmicos?** Induções da Capes e desafios às associações científicas. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

O livro “O fim dos intelectuais Acadêmicos? Induções da Capes e desafios às associações científicas”, de Lucídio Bianchetti, Ione Ribeiro Valle e Gilson Pereira, publicado em 2015 pela Editora Autores Associados, organiza-se como uma obra marcada pelo desvelamento das lógicas elegidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para sustentar o entrelaçamento entre produção acadêmica e produtivismo. Em termos estruturais, a obra está organizada em prefácio, apresentação, sete capítulos, posfácio, referências e breve apresentação dos autores.

O prefácio da obra, escrita por Valdemar Sguissardi, apresenta o ponto nevrálgico da produção aqui analisada, traduzida como a possível **morte anunciada** dos intelectuais e/ou processo de **mercadorização**

da ciência, cujo uso tem se voltado cada vez mais às lógicas provenientes da produção capitalista. O autor aponta as estratégias que renomadas universidades têm operacionalizado para cumprir as demandas do capital, tornando o espaço acadêmico – até recentemente, uma esfera voltada à manutenção de uma vida intelectual ativa – em uma fábrica repleta de **meros profissionais acadêmicos** e burocratas.

No capítulo de apresentação, os autores sublinham que o livro se trata de **uma obra de denúncias** (p. 4). Utilizam a Teoria Crítica e Pierre Bourdieu como abordagens teóricas de base para introduzir a crítica da subordinação da universidade em relação à ideologia dominante. Os autores abordam as diferentes consequências deste processo fabril do trabalho científico, entre

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina.

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

*** Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina – Bolsista CNPQ.

**** Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

eles o crescente número de indivíduos letrados em contraposição à diminuição no número de intelectuais. Por fim, apresentam, ainda que de forma combinada/fundida, pontos referentes à mobilização da escrita, a forma como organizaram o livro e as inspirações teóricas que perpassaram todos os capítulos.

O capítulo 1 trata das origens do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Explicita-se sumariamente as variantes de políticas governamentais para a ciência, tecnologia e a inovação desde os anos de 1975, materializadas em seis planos nacionais de pós-graduação. Os autores apontam que os planos, acima referidos, aos poucos foram se definindo como políticas do Estado, exigindo para a sua efetivação a cooperação dos profissionais da pós-graduação *stricto sensu*. Em uma era de luta pela manutenção da autonomia intelectual, este movimento de cooptação dos agentes da pós-graduação para legitimar a política estatal não ocorre de forma pacífica; antes ainda, o período ficou marcado por grandes tensões e resistências dos agentes das pós em submeter-se aos ditames da Capes: neste clima de contradições e embates, origina-se a ANPEd. Sobre as origens do CBCE, os autores mostram que suas dificuldades estiveram relacionadas às diversas frentes que o Colégio teve de assumir, além de questões complexas e irreconciliáveis, como o embate entre formação humana e treinamento voltado para a alta competitividade e o alto rendimento.

No capítulo 2, os autores se dedicam à caracterização do racionalismo de mercado e sua materialização no mundo acadêmico. Evidenciando as lógicas de produtividade e competitividade que têm regido as universidades públicas, à guisa das empresas privadas, o texto mostra como vem sendo (re)desenhado o ensino superior na atualidade diante das recentes configurações do capital. Didaticamente, apresentam e exploram eixos da lógica mercantil que tem atingido as universidades sob diferentes formatos, entre os quais se destacam a **subordinação da produção simbólica à economia contemporânea e a minimização do Estado**, cujas consequências diretas são o baixo investimento em políticas públicas desvinculadas inicialmente do campo econômico e a ampliação dos espaços privados em detrimento da esfera pública (p. 32).

No terceiro capítulo do livro, refletem sobre a importância da autonomia universitária. Embasam seus argumentos na teoria do campo, sobretudo do campo científico, aprofundado por Pierre Bourdieu. Para o sociólogo, quanto mais autônomo for um campo, menores são as chances de este se transfigurar por imposições externas. Nesse sentido, a autonomia da ciência e, conseqüentemente, das universidades, por se constituir de forma frágil, está constantemente sendo ameaçada por pressões de poderes extrínsecos e temporais.

No capítulo 4, apresentam um histórico sobre a Capes e apontam o período em que se implementa o paradigma de “formação de pesquisadores”, em meados da década de 1990. Essa transformação, juntamente com a estreita vinculação entre avaliação – predominantemente como seleção, classificação/ranqueamento – e financiamento, evidenciou-se estar na base da implementação de uma expansão sem precedentes na formação de mestres e doutores e do incremento da produtividade e da competitividade na pós-graduação avaliada e financiada pela Capes. Portanto, houve uma inflexão, na qual uma série de normas mudam de forma radical a organização e o funcionamento dos cursos *stricto sensu* no Brasil.

No quinto capítulo do livro, é abordada a perspectiva de representação e a sua relação com as entidades: CBCE e ANPEd. Os autores afirmam que as associações analisadas foram fundadas, na década de 1978, em um período no qual o “inimigo era muito visível” (p. 75), e que a formação de um coletivo – que supõe o diálogo sobre causas comuns, o enfrentamento de desafios, a tomada de decisões – nos dias de hoje é diversa, visto que “a sensação que se tem é de que não há mais inimigo” (p. 76). Portanto, a partir da diversidade da visibilidade ou não do “inimigo” que os intelectuais estão sendo instigados a refletir sobre os “desafios postos a uma Associação científica” (p. 80) que foi fundada em uma ambiência – a partir de um contexto de “anunciados fins e relativismos” – e está se afirmando em outra. Em síntese, nesse capítulo, os autores discutiram o predomínio da perspectiva pragmática e utilitária entre os intelectuais institucionalizados.

No capítulo 6, é problematizada a hipótese do “fim” dos intelectuais a partir de três proposições: 1) no Brasil e nas condições atuais do campo de produção científica, assiste-se ao “fim” dos intelectuais (ao fim de uma *intelligentsia*) e à desqualificação auto ou hetero perpetrada daquilo que eles realizam tanto no que diz respeito ao processo quanto ao resultado do seu trabalho (p. 84); 2) em termos de capitalismo, a academia encontra-se em uma fase que, no máximo, se poderia caracterizar como pré-fordista (p. 84); e 3) o intelectual institucionalizado tornou-se orgânico de/ou para si. Com a devida vênia do Sistema de Currículos *Lattes*, os intelectuais estão se tornando orgânicos ao/do (seu) *Lattes* (p. 91).

No capítulo 7, sugere-se um questionamento a respeito do convívio capitalismo acadêmico, embasado no taylorismo-fordismo, e a condição do pós-graduando de ser/estar desconhecedor ou ingênuo desse ambiente em que se encontra inserido. O capítulo também aborda os padrões únicos de medidas determinados pela competição internacional, também adotado pela Capes, não considerando as produções e especificidades de cada área. Os autores realçam que existem normas prescritivas que não são possíveis de serem atendidas por diversas linhas de pesquisa, pois não é possível confundir nem comparar as

categorias diversas nem, portanto, usar da mesma norma de avaliação. Também atentam para que, se não for percebida e criticada essa atitude hegemônica, estará sendo fixada a morte dos intelectuais.

No posfácio, Carlos Eduardo Vieira faz referência aos três pesquisadores desta obra, afirmando que ao problematizarem a produção de conhecimento na pós-graduação no Brasil contribuem para a desnaturalização das ideias e práticas cada vez mais enraizada no senso comum acadêmico (p. 103). Nesse espaço, Vieira reforça a importância da obra aqui exposta, principalmente por não se tratar apenas da crítica à lógica capitalista imposta nas universidades, mas também ao papel conivente a este processo que vem sendo desempenhado pela própria comunidade acadêmica, o que tem colocado em risco a já frágil autonomia e liberdade dessas instituições. Sobre a questão central do livro – será o fim dos intelectuais acadêmicos? – o pesquisador mostra-se adverso a essa ideia, pois, ao dialogar com Antônio Gramsci, percebe que a função do intelectual é de organizar projetos a fim de pleitear a hegemonia política social. Acredita que não está ocorrendo o fim dos intelectuais, mas está acontecendo uma modificação na composição das elites que respondem pela administração política.

Por fim, o título do livro é convidativo e a leitura supera as expectativas do leitor. Além disso, podemos afirmar que fica evidente o envolvimento dos autores e a crença de que a problematização do papel do intelectual deve ser colocada frente à exigência da produtividade das instituições.